

Maluf quer abatimento da dívida e prazo de 30 anos para pagar

por Elizabeth Rosa
de Belo Horizonte

"A moratória, sagrado calote que resolve todos os problemas, é expediente de quem não tem programa." A declaração foi feita, ontem, em Belo Horizonte, pelo ex-governador Paulo Maluf, o candidato do PDS à Presidência da República. Ele garantiu que, se for eleito, vai procurar diretamente líderes como o presidente dos Estados Unidos e a primeira-ministra da Inglaterra para, numa negociação política, propor o abatimento do valor real da dívida externa brasileira, com rolagem de carência de dez anos e prazo de pagamento de trinta anos.

Mas, apesar dessa segurança, o candidato do PDS deixou claro que pode assumir outra postura se não obtiver os resultados esperados. Pouco depois de dizer que o calote é inviável, já que o País precisa de capital e de mercados abertos, afirmou que, se sua proposta fosse recusada, suspenderia o pagamento da dívida.

"Mas isso não iria acontecer, porque ao invés de mandar o ministro da Fazenda ir conversar com os banqueiros, que têm compromisso é de distribuir maiores dividendos aos seus acionistas, eu mesmo iria fazer essa negociação política", desculpou-se.

O candidato do PDS não procurou eximir o partido da responsabilidade por essa mesma dívida que hoje torna o Brasil "uma bomba de sucção em favor dos países industrializados". Ele se defendeu dizendo nada dever à revolução, "que nunca me elegeu nem me derrotou", e que se for eleito não ficará acusando o presidente Sarney quando se deparar com as dificuldades administrativas: "Eu viro a página e vou escrever minha biografia".

ADMINISTRAÇÃO

E as más administrações que na sua opinião vêm sendo feitas por antigos rivais políticos são, hoje, os seus grandes cabos eleitorais. E os rivais apontados

que se encontram em tal situação foram a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, o governador de São Paulo, Orestes Quéricia, e o próprio presidente Sarney.

O fenômeno Erundina, aliás, é o principal tranquilizante para Maluf com relação a um outro fenômeno nesta sucessão presidencial, o ex-governador de Alagoas e candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. Lembrando que no dia 14 de novembro do ano passado dormiu como prefeito eleito de São Paulo, de acordo com as pesquisas, e no dia seguinte amargou nas urnas a sua terceira derrota em onze disputas, Maluf afirmou que estes resultados são uma fotografia do dia e a tendência é haver uma reversão de posicionamentos entre primeiros e últimos colocados até o dia da eleição.